

REGIONALISMO E FENOMENOLOGIA: UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

Data de aceite: 01/03/2023

Silvana de F. Ferreira
Unilasalle/Geógrafa

INTRODUÇÃO

O artigo foi elaborado a partir de um trabalho realizado para a disciplina denominada Teoria da Regionalização, em 2006, na UNILASALLE-RS. A proposta era analisar o surgimento do novo estilo musical, considerado fenômeno espacial e regional cultivado no sul do Brasil: a Tchê Music, contrariando os costumes do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).

O MTG objetiva manter vivas as tradições regionais, mas encontrava resistência em sedes afiliadas para seguir seus costumes, principalmente em razão do surgimento de uma nova ‘moda’ musical que atraía e ainda atrai muitos gaúchos e obviamente um volume no fluxo do capital, conhecida popularmente como “Tchê Music” (GONZATTO, 2006, p. 38-39). Esta prática musical não estava de acordo com as tradições regionais, e o tipo de evento

que se relaciona a esta manifestação fere diretamente os costumes do MTG.

Contudo, ler a realidade a partir da Geografia é um desafio das disciplinas desta ciência, mas, acima de tudo, é uma necessidade para os que pretendem ler o mundo com a visão de quem busca uma lógica para o funcionamento da sociedade dentro da dinâmica espacial.

OBJETIVOS

Buscamos, dentro dessa perspectiva, consolidar nossos conhecimentos a respeito dos conceitos de espaço e região na visão da fenomenologia, ou seja, da Geografia Humanística e Cultural. O foco de nossas atenções se voltou à análise de um fenômeno espacial e regional muito importante para quem conhece a cultura do sul do Brasil – mais precisamente a cultura gaúcha.

Apesar dos movimentos de resistência, o nosso trabalho visava abordar esse fenômeno cultural como um saber já enraizado do nosso estado, intercalando os conceitos geográficos

pertinentes a este assunto.

METODOLOGIA

Realizamos e incluímos uma entrevista, fielmente registrada, que mostra alguns aspectos relacionados ao nosso objeto de estudo o qual serviu como apoio na discussão dos problemas relacionados às tradições culturais e regionais sendo considerados importantes para compreensão do tema proposto. Ademais, teve pesquisas bibliográficas sobre o regionalismo e fenomenologia além das reportagens sobre o tema para a complementação do estudo. Nas considerações finais teve a sustentação do texto de Milton Santos **O Espaço Geográfico, Um Híbrido**; da obra *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*.

RESULTADOS

A partir da década de 1970, surge paralelamente à Geografia Crítica, a Geografia Cultural e Humanista, fundamentada na fenomenologia e no existencialismo, segundo análise de CASTRO E CORRÊA (2000). Os autores nos trazem novos conceitos e uma visão mais subjetiva do espaço, valorizando o significado que o homem imprime à paisagem. A busca pela compreensão dos fenômenos espaciais a partir da intuição, percepção e experiência dos indivíduos é a chave para o entendimento e o funcionamento da sociedade.

Em diversos autores, como em Tuan (1983 apud BEZZI, 2002), encontramos inúmeras abordagens relacionadas a esta visão humanista e cultural, tais como: espaço grupal, espaço pessoal, espaço mítico-conceitual, espaço sagrado/espaço profano, lugar/não lugar etc. O traço comum a essas novas concepções de espaço e todas as outras que encontram fundamento na fenomenologia, sendo o ponto de referência e estudo de um espaço geográfico que está alicerçado nos sentimentos, percepções, experiências vividas pelos homens, são justamente essas impressões que vão dar a importância e o significado aos lugares.

À medida que o capitalismo reestrutura a sociedade e redimensionam as relações e práticas sociais o espaço recebe novas influências globalizadas que, pouco a pouco, tendem a “uniformizar” os espaços, a torná-los mais homogêneos, menos distintos entre si, de forma a atender às necessidades deste sistema de produção. Isso certamente modifica o caráter afetivo dos lugares, e esta “afetividade”, agora, passa a servir como mais um estímulo à geração de capital.

...Machado utilizou o termo “tchê music” pela primeira vez em uma matéria publicada em 19 de março de 1999, para descrever o estilo do Tchê Guri, que seria atração no festival Canto da Lagoa, de Encantado. Ele propôs ao jornal lançar uma compilação com Tchê Garotos, Tchê Guri e Tchê Barbaridade. (MANSQUE, ABR. 2022)

Em suma, podemos perceber que, na visão da Geografia Humanista, com bases na fenomenologia, o espaço é algo que pode ser percebido de uma maneira filosófica. É marcado por um sentimento de totalidade do ser envolvido com o mundo através da vivência e da experiência em um determinado espaço. Este espaço é único, tendo particularidades que lhe conferem uma identidade, a qual o distingue dos demais.

Segundo BEZZI (2002), a noção de região aparece na geografia cultural de forma reciclada a partir de conceitos da escola possibilista, que focalizava a “paisagem” e o “gênero de vida” como elementos de distinção regional. O espaço organizado em regiões a partir da visão fenomenológica é compreendido como o espaço da subjetividade, onde fatores como a “consciência regional” (CASTRO e CORRÊA 2000), o sentimento de pertencimento, a mentalidade regional, a intencionalidade funcionam como balizadores, dimensionadores da divisão regional.

O indivíduo gera uma região única, incomparável; ele é quem constrói a sua história sobre certo espaço, num determinado grupo, gerando através de suas semelhanças uma determinada área, onde todos comunguem semelhantes percepções do espaço, possuam conhecimentos das mesmas técnicas de produção, assim construindo uma região. Nesse sentido, buscamos em MANSQUE (2022) a seguinte citação: “apesar da resistência, os tchês foram deixando de lado a indumentária, o que geraria desconforto nos setores mais puristas do tradicionalismo. Conforme dito pelo ex-vocalista do Tchê Garotos Sandro Coelho: “o que assustou os CTGs foi a maneira como a gurizada começou a dançar”.

Segundo Haesbaert (1996), o que determina a região não são os limites territoriais, mas “critérios puramente subjetivos e não levando em conta a escala”, pois se manifesta um novo arranjo espacial, num momento democrático de confrontação de identidades. Contudo, a região também pode ser uma concepção mais consistente quando associada a métodos sociais específicos de re-territorialização, principalmente na formação de regionalismos e nas identidades regionais, sendo estes vinculados à desterritorialização.

Ainda neste raciocínio de Haesbaert (1996), referindo-se ao previsível movimento de desterritorialização provocado pela globalização, acreditava-se que a região, neste contexto, “estaria em extinção, mas ela volta à tona através dos movimentos regionalistas [...]. O conceito (de região) pode ser mais bem definido [...] partindo de fenômenos/realidades sociais concretas, especialmente os chamados regionalismos, em nível político, e as identidades regionais, em nível cultural”. O sentimento de apropriação do espaço e da identificação com ele é, assim, condição indispensável para definirmos região. Essa manifestação de enraizamento e vínculo a um costume ou cultura mantém a produção e reprodução de novas “regiões”, constituindo uma forma de manter certa agregação e coesão entre “parceiros da mesma tribo”, mesmo que estejam separados por enormes distâncias. (GRIZOTTI, 2006, p. 38)

É o caso da “rede regional gaúcha” (HAESBAERT, 1996), movimento que os mantém integrados num mesmo sentimento, mesmas práticas culturais e os distingue das

outras culturas locais em qualquer parte em que plantem suas raízes. Este sentimento do “gaúcho” constitui o foco de nossa apreciação e análise, já que surge, em nosso meio “regional”, uma “contracultura”, totalmente peculiar ao nosso contexto, através das práticas culturais que envolvem os CTGs no nosso Estado.

Nesse segundo momento, a fenomenologia, usada no tema, é considerada como uma intencionalidade, constituída pelas experiências vividas que o MTG persiste em resgatar e preservar na cultura gaúcha, desde a década de 1940. Porém, com o advento da globalização e com ela novas tendências, novos comportamentos, novos ritmos musicais surgiram e sendo assim ocorre uma desterritorialização pois se globaliza o mundo vivido.

SAVARIS (2006) corrobora com o nosso estudo sobre a região, sob o ponto de vista cultural e do tema em questão, por meio dessa afirmação: “Ser um ‘soldado do tradicionalismo’ é fazer parte de um movimento popular que busca, através da apropriação de valores, fatos históricos e mitos, pela reprodução folclórica e na convivência familiar intensa, fortalecer o ‘grupo local’, firmar uma ‘identidade própria’ e fazer aflorar o sentimento inato de ‘pertencimento’”.

A nova onda cultural da “Tchê Music” veio na contramão desta ideia e colocava “em risco”, para os tradicionalistas que acreditavam na força desta coesão, o futuro da manifestação pura do sentimento de orgulho e honra da “alma gaúcha”. MANSQUE (2022) reflete sobre o equívoco dos tradicionalistas em exigir uma coesão cultural:

Para o jornalista e doutorando em comunicação João Vicente Ribas, os tradicionalistas exageram: – Normatizam a forma de se vestir, de se comportar e querem definir quais são os ritmos autênticos do Rio Grande do Sul. Centro cultural não é quartel. E há muitas incongruências e contradições em suas regras. (MANSQUE, ABR. 2022)

Se o espaço se moderniza pelas novas funções que assimila, o homem se adapta às novas tecnologias que ele mesmo cria, mas, na sua herança cultural, ele traz consigo o apego aos lugares, ao passado, aos hábitos de outrora, e mantém, através de seus costumes ligados às práticas de seus antepassados, um elo que o une a uma “visão bucólica” da paisagem (que não mais existe), a uma “nostalgia da tradição” (que ele sofre para manter).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz deste entendimento da geografia, o tema proposto mostra um leque de possibilidades e interpretações a respeito do espaço geográfico e sua interação com o homem. Desse leque, destacamos alguns aspectos: em primeiro lugar, há, nos indivíduos, ao mesmo tempo uma mentalidade “regional” e uma mentalidade “uniformizada”, globalizante da cultura e das práticas sociais. Em segundo lugar, verifica-se que as pessoas precisam simultaneamente de manifestações abstratas e simbólicas de sua cultura e de sua percepção do espaço vivido, bem como necessitam de aplicação material e concretização

dos seus objetivos como indivíduos pertencentes a uma sociedade organizada, que deles espera um resultado quantitativo cada vez maior de espaço “produzido”.

A partir desta análise, podemos compreender melhor toda a polêmica que envolve certas culturas, diversas práticas religiosas, alguns grupos ou “tribos” quando estes perdem espaço de manifestação, ou ainda, quando novas práticas tentam tomar lugar das tradições que unem essas pessoas ao seu “sentimento regional”.

A sociedade, de forma geral, no senso comum, considera progresso a quantidade de riqueza material de seu povo acrescido da riqueza cultural de suas manifestações. Se isso fere ou não os princípios básicos a respeito do meio ambiente, da exclusão social, ou da busca pela multiplicação do capital desenfreada, é algo que fica em segundo plano. Vivemos numa sociedade em que todos os aspectos que dizem respeito à presença física do homem, convivem no mesmo espaço, manifestando-se simultaneamente.

Assim, quando falamos em “tradicionalismo”, “gauchismo”, “cultura gaúcha”, polêmicas referentes às manifestações contrárias a este aspecto, orgulho dos costumes regionais, “superioridade da cultura gaudéria”, nativismo, estamos mostrando as várias faces de um mesmo povo, que se caracteriza e distingue por suas práticas sociais, que se fixaram neste espaço regional do Rio Grande do Sul e que agora, por força da globalização e da consequente migração dessa cultura pelo mundo, fez com que o caráter regional do gaúcho seja, hoje, mais um ‘produto’ aliado à multiplicação do capital (mesmo sendo através de manifestações “impuras” da Tchê Music) e que ao mesmo tempo serve de apoio cultural e elo destas pessoas nascidas aqui para que se sintam, mesmo à distância, vinculadas à sua terra.

REFERÊNCIAS

BEZZI, Meri L. **Região Como foco de Identidade Cultural**. In: Região: uma (re) visão histórica da gênese aos novos paradigmas. 1ª ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2002.p.205-219

CASTRO, Iná E. de ;GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.p.30-35.

GONZATTO, Marcelo; MELO, Itamar. **Tradicionalismo: fandango da discórdia**. Zero Hora, Porto Alegre, 23 abr. 2006. Geral,p.38-39.

GRIZZOTTI, Giovani. **Gaudérios Invadem Terras Americanas**. Zero Hora, Porto Alegre, 21 maio 2006. Mundo, p.38.

HAESBAERT, Rogério. **Região e Rede Regional “Gaúcha”: entre Redes e Territórios**. In: Boletim Gaúcho de Geografia: por uma Geografia Cidadã. 1ª ed. Passo Fundo: Universitária,1996.p.15-27.

MANSQUE, William. **Em 1999, a Tchê Music ensaiou dominar o país. O que deu errado?** Disponível em:< <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2016/08/em-1999-a-tche-music-ensaiou-dominar-o-pais-o-que-deu-errado-7298662.html>>. Acesso em : 18 mar. 2022.

SANTOS, Milton. **O Espaço Geográfico, Um Híbrido. In: A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Hucitec. 2005.p.89-110.

SAVARIS, Manoelito. **Tradicionalistas: os soldados de um movimento.** Porto Alegre,2006. Disponível em:< <http://www.mtg.org.br> >. Acesso em : 13 maio 2006.

ANEXO - ENTREVISTA

Realizada no dia 23 de maio de 2006, com o Sr. Manoelito Savaris, presidente do MTG; situado na Rua Guilherme Schell, nº 60, no bairro Partenon, em Porto Alegre, RS.

Silvana- Qual a preocupação, valores, que o MTG tende a manter na tradição gaúcha?

Sr. Manoelito Savaris- Primeiro tem que entender o que é o MTG; né. O MTG é uma federação de CTGs; né, talvez o nome nem é CTG, pode ser outro nome, por exemplo CCN,(Centro de Cultura Nativa) ou CTG (Centro de Tradição Gaúcha) ou eventualmente grupos menores que nós chamamos de piquete, piquete de laçador. Então essa federação, uma das finalidades da sua constituição da sua constituição há quarenta anos foi a da preocupação na preservação, resgate e divulgação da cultura regional sul Rio-Grandense, que chamamos de cultura gaúcha.

Bom, a cultura gaúcha é composta por vários elementos, nós temos aspectos da cultura que são: área do folclore, e tradições onde vamos encontrar hábitos, usos, costumes que são dessa área da tradição, então inclui a culinária, vestimenta, música, inclui procedimentos, comportamentos, lidas campeiras, a forma de lidar com o cavalo, por exemplo, isso faz parte de uma tradição construída ao longo da história do Rio Grande do Sul, não de toda história, mas pelo menos um lapso largo de história. E a cultura também tem aspectos não materiais são aqueles que chamamos de princípios, valores e de crença. Princípios, do tipo “associativo”, é o princípio básico do movimento tradicionalismos gaúcho, que uma sociedade deve trabalhar com conceito de associação, o conceito de voluntariado, esse é um dos nossos primados, as pessoas trabalham voluntariamente, as pessoas não recebem remuneração para fazer gauchismo.

Então, o padrão do CTGs, os integrantes das entidades não podem ser remunerados, é um trabalho voluntário e cada CTGs e o próprio MTG são organizações não governamentais, são ONGs e a maioria delas com reconhecimento de utilidade pública. Então quando trabalhamos a questão, por exemplo, da música que envolveu essa atividade, um dos aspectos que envolveram essa entidade de Canoas, nós trabalhamos com um tipo de música que é feita no Rio Grande do Sul, em termos de gênero e ritmo. E

a deturpação dessa música, a mistura dessa música, gêneros e ritmos com outras áreas elas agridem um dos princípios, que o princípio da tradicionalidade e junto com isso vem à questão da entidade que não pode deixar de ser associação, deixar que algumas pessoas adonarem daquilo um meio de vida e nesse caso específico aconteceu isso, e deixou a entidade de realizar uma série de atividades de ordem cultural envolvendo os membros da associação e a comunidade para praticamente só realizar uma atividade de lazer envolve música, que chamamos de “bailão”, a sociedade chama de “bailão”, pra isso não interessa a entidade se filiar.

Silvana- O que o MTG faz para se organizar e para se divulgar culturalmente?

Sr. Manoelito Savaris- O MTG é uma federação, quem realiza efetivamente as atividades tradicionais do tradicionalismo são os CTGs, as entidades filiadas. O MTG realiza algumas atividades, as atividades patrocinadas, organizadas dirigidas pelo movimento tradicionalista gaúcho, elas são sempre de nível estadual envolvendo várias entidades e as trintas regiões tradicionalista, o MTG divide trinta regiões do estado, então realizamos concursos de peões, concursos de prendas, em que os jovens se preparam culturalmente, intelectualmente, artisticamente, nos casos de peões na atividade campeira para participar de uma competição para provar quem se preparou melhor. E isso envolveu vários estágios e acaba envolvendo uma quantidade grande de jovens. Nós realizamos uma festa, uma campeira aonde realizamos as questões campeiras e esportivas tradicionais do Rio Grande do Sul, aquela espécie de finalização de temporada em que cada região seleciona seus melhores, uma atividade estadual, isso também nas atividades artísticas nós realizamos o ENARTE (Encontro de Artes de Tradição Gauchesca), que envolve também o Rio Grande do Sul e todo o CTG, e cada CTG realiza as suas atividades, tendo vários aspectos, pode ser de lazer, ou pode ser de conhecimento, de aprimoramento cultural, então isso se realiza o ano inteiro. Os CTGs fazem, mas os CTGs também fazem algumas coisas, mas o MTG tem o principal objetivo de apoiar os CTGs que fazem as suas atividades, de congregar, de manter uma linha de procedimentos.

Silvana- Conversei com o Sr. Manoelito Savaris, presidente do MTG, obrigada pela contribuição.

Sr. Manoelito Savaris- Tá ok. Obrigada você, sucesso.